

HEBREUS

Autoria

Não é possível definir quem escreveu esta carta. Não existem evidências claras a respeito do autor e, por isso mesmo, entendemos que uma discussão a respeito deste tema não tem relevância. Os argumentos a favor de um ou outro autor são muito mais subjetivos. Portanto, é mais conveniente absorver seus ensinamentos, sem nos preocuparmos demasiadamente com este detalhe.

Destinatário

O próprio título da carta indica que os que a receberam eram judeus convertidos a Cristo. A maior parte das Epístolas Gerais é enviada a essas pessoas. Eles tinham sido esparramados por todo o império romano, alguns conheceram o Evangelho nas cidades onde moravam, depois que Paulo se dedicou a plantar igrejas por várias regiões.

Assim como vimos nas cartas de Paulo e em Atos, os judeus convertidos ao cristianismo sofreram muitas pressões para retornarem ao judaísmo, ou pelo menos para tentarem fazer uma mistura de ambos. Esta carta é mais um marco, posicionando a incomparável grandeza da Pessoa e da Obra de Cristo Jesus. As menções frequentes ao Velho Testamento são para demonstrar que Jesus é a concretização das promessas, tipos e sombras da Antiga Aliança.

Contexto Histórico

Esses irmãos tinham algumas posses, eram provavelmente judeus que moravam em Roma – daí receberem a saudação de italianos que moravam longe de lá (13:24).

Esboço da carta

CAP	ASSUNTO
1-2	Jesus é maior do que profetas e anjos
3-4:13	Jesus é maior do que Moisés
4:14-5:10	Jesus é maior do que o Sumo-Sacerdote Arão
5:11-6:12	Parêntese de advertência a respeito da maturidade na fé
6:13-8	Jesus é maior do que Melquisedeque
9-10:22	Jesus é maior do que a Velha Aliança

10:23-39	Parêntese de advertência a respeito da seriedade da fé
11	O incentivo da fé viva dos antepassados
12	O incentivo à uma fé viva dos crentes atuais
13	Deveres dos salvos

Conteúdo

1. Jesus é maior do que profetas e anjos – capítulos 1 e 2

A revelação de Deus através dos séculos foi feita através de homens e anjos, usados de acordo com Sua soberania e planejamento. Grandes servos foram instrumentos importantes em Suas mãos, mas nenhum deles jamais se aproximou da majestade, glória e grandeza do Filho de Deus, Jesus Cristo. Primeiro, por ser ele o próprio Deus em carne (“a expressão exata do ser de Deus”); segundo porque o ministério dos profetas e anjos tinha como objetivo exatamente apontar para Cristo. Anjos e profetas falavam do Messias que havia de vir, reconhecendo nele o fim e o propósito de todas as coisas.

Somente a abertura, com esses dois excepcionais capítulos, é suficiente para nos convencer da grandeza e superioridade de Cristo Jesus em todos os aspectos e sobre todos os seres criados, visíveis ou invisíveis. De ninguém mais se pode dizer as coisas que são ditas a respeito do Filho de Deus nesses versículos.

2. Jesus é maior do que Moisés – capítulos 3 e 4

Moisés era considerado o maior profeta da história de Israel. Ele foi usado por Deus para tirar o povo do Egito e levá-lo ao descanso garantido por Deus. No entanto, o coração incrédulo do povo o levou a desprezar a Palavra de Deus. Como consequência, toda aquela geração foi rejeitada por Deus e não entrou na terra prometida. Este alerta do Velho Testamento é usado aqui no sentido de que esses crentes, a esta altura, depois de terem o conhecimento de Cristo, não tentassem voltar ao judaísmo, pois isso era o mesmo que perder a “*confiança que desde o princípio*” tiveram (3:14). Voltar às práticas judaicas era abandonar a fé que tinham professado.

3. Jesus é maior do que o Sumo-Sacerdote – Capítulo 4:14 a 5:10

Jesus Cristo tinha honra maior do que os Sumo-Sacerdotes, apesar de toda a importância destes no cenário espiritual do povo. Eles foram instituídos por Deus para fazer a intermediação nas ofertas e sacrifícios que o povo oferecia, mas não

podiam remover definitivamente o pecado, trazendo a “salvação eterna” (5:9). O Senhor Jesus fez isso.

4. Jesus é maior do que Melquisedeque – Capítulo 6:12 a 8:13

O fato de que Abraão ofertou os dízimos do despojo a Melquisedeque, sacerdote e rei de Salém, indica, na argumentação do escritor, a superioridade do sacerdócio deste em relação ao sacerdócio araônico. A lei de Moisés revoga a ordem de Melquisedeque e estabelece a de Arão. Jesus, por sua vez, é de Judá, o que implica seu sacerdócio ser ordenado diretamente por Deus. Assim, seu sacerdócio é superior ao de Melquisedeque e também ao de Arão.

Além disso, o sacerdócio era finito. Conforme o Sumo-Sacerdote envelhecia e morria, outro tinha que substituí-lo. Por isso, muitos ocuparam este posto em Israel. Cristo, porém, é único Sumo-Sacerdote. Ele é eterno, não precisa de substituto, jamais. Por esta razão, ele é “*sacerdote para sempre*” (7:21), conforme o juramento de Deus a seu respeito.

Durante a ministração de seu turno, o Sumo-Sacerdote permanecia o tempo todo em pé. Não havia cadeiras no tabernáculo, porque o serviço nunca estava terminado. Ano após ano, toda a cerimônia deveria ser repetida, porque os sacrifícios eram insuficientes, tanto pela natureza da oferta como pela natureza dos ofertantes. Quando veio Jesus Cristo, ele “*assentou-se à destra do trono da Majestade nos céus*” (8:1; 1:3; 10:12), indicando que o serviço estava completo e não precisaria mais ser repetido. Ele passa a ser o “*mediador de superior aliança, baseado em superiores promessas*” (8:6).

5. Jesus é maior do que a Velha Aliança – Capítulos 9 a 10:22

Todos os rituais do Velho Testamento, culminando com o Grande Dia da Expição (leia Levítico 16) eram transitórios. Não podiam resolver definitivamente o problema do pecado, nem removê-lo. Sua importância estava no fato de que sinalizavam o verdadeiro e definitivo sacrifício que viria com o Senhor Jesus.

Cristo viria no seu próprio tabernáculo (9:11-14), isto é, seu corpo preparado por Deus, sem pecado, para oferecer o pagamento cabal que a culpa do pecado devia à justiça de Deus. Ele não dependeu de sangue alheio para entrar no Santo dos Santos. A Velha Aliança fora ratificada com sangue de animais (9:15-22). Jesus, porém, ofereceu seu próprio sangue, isto é, sua própria vida (9:24-28), pois o sangue de animais não podia tirar o pecado. Eles apenas simbolizavam o sangue de Cristo, sua vida perfeita entregue em favor dos pecadores. Este era o verdadeiro e definitivo sacrifício que resolveria o problema do homem com Deus.

A repetição insistente da expressão “de uma vez por todas” e “único (a)”, é a tônica destes capítulos. E não é à toa que tanto aparecem (9:12, 26, 28; 10:10, 12, 14): a intenção explícita do autor é mostrar que o Senhor Jesus Cristo, além de incomparável, é imprescindível para a salvação do homem. O papel de todas as cerimônias e sacrifícios era pedagógico, não resolutivo. Tudo o que foi feito serviu para demonstrar a exigência divina em relação ao pecado e apontar para o Messias. Agora que ele veio, voltar aos rudimentos das lições antigas era reduzir completamente sua importância. A sombra nunca pode ser mais importante do que a realidade. Voltar ao judaísmo era agarrar-se à figura; a realidade das coisas é o Messias.

Por causa de suas credenciais é que podemos entrar na presença de Deus (o Santo dos Santos), certos de que não seremos consumidos pela santidade de Deus. Pelo contrário, tendo sido aperfeiçoados pela vida de Cristo, somos esperados ali para apresentar nosso louvor e gratidão. Somos transformados de pecadores rebeldes em adoradores amados.

6. Parêntese de advertência a respeito da seriedade da fé – Capítulo 10:23-39

Ao retroceder para a Velha Aliança, depois de terem sido iluminados pelo Espírito Santo a respeito de Jesus, o Cristo, os hebreus estavam se expondo ao julgamento terrível de Deus contra a incredulidade. Da mesma forma como Cristo é superior a todos os aspectos do Velho Testamento, a responsabilidade do homem na Nova Aliança é proporcionalmente maior (10:29). Repetir os sacrifícios do Velho Testamento é considerar como desprezível o sacrifício único e definitivo da vida do Filho de Deus (10:29), e requer um castigo terrível.

Esses irmãos tinham sofrido horrivelmente por assumirem sua fé em Cristo (10:33-34). Tinham no porvir um grande galardão. O autor os exorta a não abrir mão de tudo isso, agora que em pouco tempo entrariam no gozo de sua bênção celestial.

7. O incentivo da fé viva dos antepassados – Capítulo 11

O conhecido capítulo 11 de Hebreus é muitas vezes chamado de “*Galeria dos Heróis da Fé*”. Colocado no seu contexto, percebemos que todos esses grandes vultos do passado são a “*nuvem de testemunhas*” (12:1) que poderiam inspirar os hebreus e a todos nós a permanecerem firmes na fé, sem vacilar. Cada vida, cada história, cada experiência desses antigos crentes deveria servir como incentivo à fidelidade e à perseverança. A fé experimental coloca em prática a fé confessional. O que esses homens e mulheres foram capazes de realizar e experimentar com Deus foi algo ao mesmo tempo tão extraordinário como possível. Eles tinham menos luz, menos

revelação, menos informação a respeito de Deus e mesmo assim permaneceram sem vacilar até o fim.

O justo viverá por fé. Ele não depende do que vê, mas do que Deus lhe diz. O que interessa não é entender a revelação dada, mas crer nas promessas feitas. Ainda assim, muitos morreram antes que a promessa fosse concretizada (11:13-16). Todos eles obtiveram bom testemunho (11:39), isto é, foram aprovados pelo Senhor pela sinceridade e honestidade de sua fé. Nenhum deles deixou de falhar em algum ponto. Tiveram dúvidas e momentos de fraqueza. Trocaram os pés pelas mãos algumas vezes. Mas não permitiram que a incredulidade tomasse seus corações, fazendo-os retroceder para o tempo em que ainda não tinham crido. Era isso que o escritor esperava que os hebreus fizessem: mesmo sem compreender todos os detalhes, mesmo que tivessem dúvidas em razão de sua longa história de fé judaica, eles não deveriam abdicar de terem crido e confiado em Jesus como seu suficiente e único salvador.

8. O incentivo da fé viva dos atuais crentes – Capítulo 12

Após apresentar o exemplo dos que vieram antes deles, agora o Espírito Santo os incentiva a viver uma fé semelhante. A disciplina de Deus deveria servir para torná-los melhores, não mais desanimados. A santificação diária deveria ser o fio condutor para uma vida de devoção integral ao Senhor, onde não houvesse espaço para um pensamento ou atitude profana.

Os cristãos hebreus eram privilegiados. Seus pais presenciaram a manifestação da grandeza e da santidade de Jeová diante do Sinai; foi um espetáculo aterrorizante, que deixou claro que havia uma intransponível distância entre o povo pecador e o Deus santo. Agora, aproximados pelo sangue de Cristo, eles tinham acesso à graça que aproxima e acolhe. Por que, então, haveriam eles de querer rejeitar o Evangelho em sua simplicidade e expor-se novamente ao risco do juízo de Deus contra a incredulidade?

9. Deveres dos salvos – Capítulo 13

À luz de todos os privilégios dos salvos por Jesus Cristo, eles devem demonstrar em suas vidas os resultados da salvação eterna que possuem. Todas as cartas apostólicas têm esta ênfase prática. São admoestações simples, mas diretas, que abrangem todos os aspectos do viver diário:

- a. Amor fraternal (v.1-3), que deveria ser expresso na hospitalidade, na atenção e amor aos presos (provavelmente uma referência aos muitos irmãos encarcerados por causa de sua fé).

- b. Casamento (v.4), expresso na santidade do matrimônio manifesta na fidelidade dos cônjuges.
- c. Simplicidade no viver (v.5-6), expressa em um estilo de vida sem ostentação e preocupações excessivas com acúmulo de riquezas.
- d. Submissão à liderança eclesiástica (v.7)
- e. Pureza doutrinária (v.9-15), mais uma referência aos judaizantes que tentavam impor as regulações da lei à dieta dos cristãos. Os cristãos não estão mais presos ao “arraial” do Judaísmo. Estão “fora da porta”, isto é, livres dos muros da tradição religiosa pesada que os prendeu por tanto tempo.
- f. Beneficência (13:16), a “prática do bem”, através da qual os que não são crentes podem perceber o amor entre os irmãos.

10. Saudações finais – 12:20-25

O intuito da epístola era de exortar, quer dizer, de incentivar aqueles irmãos a firmarem sua fé no “grande Pastor das ovelhas”, que havia dado sua vida por eles. Era preciso que eles compreendessem bem a extensão do valor insuperável de Cristo e seu sacrifício. Diante do que fora exposto, considerando o conhecimento que esses irmãos tinham das Escrituras, em virtude de sua história e nacionalidade, era de se esperar que eles fossem definitivamente despertados em sua fé.